ISSN: 1519-7816 vol. 15 nº 2 jul/dez. 2013 páginas: 28 - 45

CAMINHANTES DO URU: A ENVOLVÊNCIA AMBIENTAL SOB TRILHAS

Eguimar Felício Chaveiro[1]
E-mail: *eguimar@hotmail.com*

Danilo Cardoso Ferreira[2]
E-mail: *prof.daniloueg@gmail.com*

Resumo
As Trilhas Interpretativas "Rio de gente, águas de palavras" e "Uru: um rio do Cerrado", juntamente com a atividade de descer o rio Uru, compõem o estrato de um evento cujo objetivo é criar a envolvência ambiental por meio de ações coletivas que, num só termo, enunciam a mobilização comunitária entre os partilhantes e desenvolvem a formação pedagógica aberta a alunos e sujeitos da comunidade. O trabalho que se apresenta avalia essa experiência, observando a disputa de sentido, o cenário simbólico, os conflitos e as conquistas das atividades. Para realizá-lo foram feitas reuniões de avaliação de sujeitos que elaboraram as Trilhas, entrevistas com atores do evento, observações de campo, uso de fotografias e leituras teóricas a respeito do assunto em questão. Um pressuposto teórico iluminou as reflexões: os eventos contemporâneos estabelecem significações abertas aos pleitos das práticas efetivadas pelos sujeitos que desenvolvem as suas ações sob os signos que formam a subjetividade contemporânea.
Palavras-chave: Trilhas interpretativas. Envolvência ambiental. Descida Ecológica do rio Uru

WALKERS OF URU: THE ENVIRONMENT INVOLVEMENT ABOUT TRAILS

Abstract
The interpretive trails "River of people, waters of words" and Uru: a river from Cerrado" and the activity down the Uru river can make an event that has like meaning to create an environment involvement by collective actions that, in a only term, show us community mobilization among people that participate in this action and can develop the open pedagogical training to pupils and community in a general sense. The work presented here evaluates this experience, looking at dispute of sense, the symbolic scenario, the conflicts and achievements of activities. To make this work, it was done meetings of subjects evaluation who has created the trails, interviews with actors of this event, field observations, use of photographs and theoretical readings about matter in question. A theoretical assumption shone the reflections: the contemporary events determine open meanings to the claims of the carried practices by subjects who develop their action under signs that form the contemporary subjectivity.
Keywords: interpretive trails. Environment involvement. Ecological down of Uru river.

[1] Doutor em Geografia, Universidade de São Paulo. Professor da Universidade Federal de Goiás, *Campus* Goiânia.
[2] Mestrando em Geografia, Universidade Federal de Goiás, *Campus* Goiânia. Professor da Universidade Estadual de Goiás, *Campus* Itapuranga

ISSN: 1519-7816 vol. 15 nº 2 jul/dez. 2013 páginas: 28 - 45

INTRODUÇÃO

Aprender com a pele. Dispor o corpo em rota de caminhada. Caminhar junto. Criar compassos de aprendizagens. Definir estações circulares. Conectar temas. Descobrir no gesto coletivo das Trilhas que o rio Uru é mais que um rio: é uma grafia fluvial; é um ente que possui ligação com o relevo e com a geologia; um corpo hídrico que derrama as suas águas em função de diferentes apropriações; possui histórias, memórias, significações; diz o Cerrado e nele se afirma – estas e outras expressões foram descerradas na abertura da Trilha Interpretativa às margens do rio Uru, especificamente num lugar chamado popularmente de "Varjão".

Esta Trilha e outras, assim como um conjunto de atividades foram conteúdos da sexta edição da atividade que será objeto deste trabalho. O evento foi realizado nos dias 6 e 7 de Setembro de 2013, no município de Heitoraí-Go. A Descida Ecológica do rio Uru é um evento composto e complexo. Composto porque o mesmo evento conta com várias atividades: Oficinas formativas e culturais; Trilhas Interpretativas e minicursos; a Descida Ecológica no rio. Complexo porque enuncia os signos políticos, culturais, dos poderes instituídos, dos diferentes saberes e da disputa de sentido própria deste mundo que refaz os acontecimentos culturais mesclando-os com símbolos diversos.

Com o objetivo de gerar formação ambiental, criar pertencimento ao rio, lastrear a leitura da ocupação territorial do rio, compreendê-lo numa dimensão integrada, a saber, físico-territorial; histórico-espacial e simbólico, o evento reuniu várias atividades, múltiplos sujeitos e diferentes práticas. Mobilização comunitária, pedagogia popular, manifestação, envolvência ambiental, ato festivo, prática política encenam o amalgama da Descida.

O processo organizativo contou com a adesão voluntária e deliberada de várias instituições, tais como a AGB- Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Goiânia; a Prefeitura Municipal de Heitoraí mediante a Secretaria do Meio Ambiente, a Universidade Federal de Goiás por intermédio de membros do LABOTER – IESA, Laboratório de Estudos e Dinâmicas territoriais do Instituto de Estudos

ISSN: 1519-7816 vol. 15 nº 2 jul/dez. 2013 páginas: 28 - 45

socioambientais; da UEG-Itapuranga, Universidade Estadual de Goiás; o PET-GEO-UFG, programa de Educação Tutorial do curso de Geografia da UFG; o corpo de bombeiro – Itaberaí-Go e cidade de Goiás-Go; secretaria de educação do Município de Heitoraí-Go e Secretaria de Educação do Estado de Goiás por meio de professores e alunos.

Esse conjunto de atores desenvolveu forças complementares e diferenciadas. E não deixou de compor o evento, desde as primeiras reuniões preparatórias, por um arsenal de sentidos que, embora integrados, teve apropriações às vezes conflitantes e heterogêneas.

Ao se dispor assim, o evento é tecido por uma característica que ultrapassa os seus limites: a disputa de sentido que o abre para internalizá-lo numa rede complexa de poderes e de forças congruentes com a sociabilidade contemporânea. Ou seja, os caminhantes do rio Uru, em que pese desenvolvam um evento com roteiro previamente pautado e com objetivos preconizados pelos organizadores, na sua consecução promove deslizamentos de sentido que o recria no contexto significativo dos sujeitos que o empreendem. E depois que finda enquanto ato, continua a existir enquanto símbolo. Age à distância e se efetiva no entusiasmo dos que o propagandeiam, defendem, memorizam-no.

Em decorrência disso, o problema que nutre as reflexões do presente artigo é: como a ação das Trilhas Interpretativas executadas na Sexta Descida Ecológica do rio Uru ajuda a desenvolver a envolvência ambiental dos seus partilhantes?

Para a realização do trabalho contou-se com a experienciação dos autores na organização e da execução de uma Trilha denominada “Águas de gente, rios de palavras”; reunião de avaliação do processo entre membros executores da aludida Trilha; roteiro fotográfico; entrevista com alunos, professores e organizadores do evento e elaboração de anotações em forma de diário de campo durante a caminhada. Além desses procedimentos, averiguou o material didático produzido para incrementar a organização das estações pedagógicas da Trilha.

Guiado pelo pressuposto teórico que a envolvência ambiental criada no evento integra o que se pode denominar “mobilização comunitária aberta”

ISSN: 1519-7816 vol. 15 nº 2 jul/dez. 2013 páginas: 28 - 45

(OLIVEIRA, 2011), as reflexões, as narrativas e as considerações que virão objetivam demonstrar: o evento em questão, ainda que elaborado por atores que lhe dão feição específica, possui um enredo semelhante a outros neste tempo. Dessa maneira, há mediações de sua consecução com dados culturais de outros eventos. Isso nos leva a perceber que o que está sob interpretação é o modo pelo qual o mundo contemporâneo, em sua face heterogênea e contraditória, envolve o sujeito, matiza as suas experiências, enuncia o poder e seus atributos socioculturais.

2 O rio Uru: o contexto das águas

O rio Uru faz parte a bacia do rio Tocantins, tendo suas nascentes na região central do estado de Goiás. As cidades em que o rio banha é: Americano do Brasil, Mossâmedes, Goiás, Itaberaí, Heitoraí, Itapuranga, Uruana, Carmo do Rio Verde.

Quanto à dimensão territorial do rio Uru, podemos dividi-lo em três pontos numa perspectiva metodológica para melhor analisar a bacia como uma unidade natural: Alto da bacia, Médio da bacia e Baixo. Com isso analisar o alto é pensar nas nascentes os primeiros afluentes de um rio principal, médio a parte de desnivelamento do relevo influenciando os canais fluviais, e o baixo são as proximidades onde o rio tem a sua foz.

A bacia hidrográfica[3], "como unidade natural de análise da superfície terrestre possibilita reconhecer e estudar as inter-relações existentes entre os diversos elementos da paisagem e os processos que atuam na sua esculturação" (BOTELHO, 1999, p. 272).

A partir da bacia hidrográfica de um rio metodologicamente, como um recorte espacial, fica perceptível analise ambiental, social e econômica da bacia, como uma unidade de analise, para o desenvolvimento da trilha interpretativa e as discussões que ocorreram, inclusive sobre a formação e origem histórica do nome do rio. "O nome do rio é proveniente do tupi-guarani. Uru significa ave galiforme da

[3] **Bacia hidrográfica** - a área da superfície terrestre drenada por um rio principal e seus tributários, sendo limitada pelos divisores de água.

ISSN: 1519-7816 vol. 15 nº 2 jul/dez. 2013 páginas: 28 - 45

família dos fasianídeo do centro-sul e oeste do Brasil que viviam em pequenos bandos do chão". (CHAVEIRO & CASTILHO, 2013, p. 56).

O rio Uru apresenta o seu aproveitamento em três aspectos com o uso dos seus cursos fluviais onde é bastante expressivo em vários setores nas atividades humanas, como no abastecimento urbano, na pesca e no lazer. Quanto à estrutura demográfica que se faz a partir da estrutura territorial da bacia hidrográfica do uru, o rio está radicado numa estrutura territorial próximo a diversos pequenos centros urbanos, que apresenta os aspectos de uso dos recursos hídricos do rio (CHAVEIRO & CASTILHO, 2013).

Os sistemas de irrigação são uma forma de transportar água para abastecimento das cidades, como também para irrigar culturas que necessitam de água, do rio Uru, quanto a sua utilização:

> A Irrigação além de sustentar a plantação da Cana para abastecer destilarias em Anicuns, Itapuranga e Carmo do Rio Verde, também sustenta lavouras no município de Itaberaí e colabora com a produção de grãos (principalmente o milho) demonstrando o poder da agricultura na região em questão. (CHAVEIRO & CASTILHO, 2013, p. 58).

O abastecimento urbano é, hoje, uma das maiores preocupações das autoridades sanitárias, pois grande parte dos rios que abastecem as cidades está poluída ou enfrenta algum tipo de degradação ambiental. No caso do rio Uru, o desmatamento de suas matas ciliares, poluição são um dos desafios que a envolvência ambiental sob trilhas tenta problematizar aos timoneiros, justificando estes fatores como prejudiciais a vida do rio.

O regime de um rio é o termo que se emprega para se referir à origem da água que o alimenta – e o regime do rio Uru é pluvial, que é alimentado pela água das chuvas. O curso fluvial de um rio é bem representativo dependendo da forma do relevo de sua bacia, que irá influenciar no tipo de drenagem de seu rio. No caso os meandros do rio Uru, principalmente na cidade de Heitoraí representa um planalto com inclinações influenciando a velocidade das águas de um rio caudaloso, como o Uru.

Quanto aos processos de deposição e erosão de um rio se dá através da movimentação das águas carregando sedimentos como areia, madeiras e outros

ISSN: 1519-7816 vol. 15 nº 2 jul/dez. 2013 páginas: 28 - 45

sedimentos que estão no rio, e fazendo a sua deposição em um lugar específico onde a mata ciliar consegue barrar a sua passagem, formando então as sinuosidades com uma vida dinâmica e viva.

Formando a partir do movimento de sedimentos os terraços fluviais, que ocorrem principalmente no médio e baixo curso de uma bacia, pois a erosão acontecendo no alto da bacia, por conta principalmente da velocidade das águas: formadas pela declividade das nascentes e encontro de afluentes, com o alto volume de água uma movimentação intensa das correntezas do rio, levando os sedimentos para a deposição no médio e baixo da bacia do rio.

Por isso a importância das matas ciliares no curso de um rio pois, protege o rio do processo intenso de erosão causado pela força da água. Porém, se não há mata ciliar a hipótese é que este rio vai assorear, influenciando principalmente no alargamento, na diminuição do canal e outros impactos causados, até mesmo na mudança de um curso de rio.

As matas ciliares evidentemente têm sua importância para a permanência de um rio e também para evitar que o mesmo chegue a uma erosão e total assoreamento. E ao analisar as margens do rio uru, apresenta estado de preocupação pela a falta de respeito com as áreas limites do rio, tanto para o loteamento, pastagens e outros usos que se fazem dos recursos do rio Uru como representa a foto 1.

ISSN: 1519-7816 vol. 15 nº 2 jul/dez. 2013 páginas: 28 - 45

Foto 1 – Uso do solo e do Rio Uru



Fonte: Google Earth, 2013

A foto 1 representa as monoculturas que estão no município de Heitoraí que utilizam o rio Uru para a irrigação. A pecuária como um fator econômico como um fator bastante expressivo nos municípios que são banhados pelo rio. E também os loteamentos a beira do Uru, como uma preocupação da utilização dos recursos naturais pelo lazer, pesca e outras atividades que são desenvolvidas.

3 Trilhas nas margens, mergulho na interpretação: pontos da metodologia

Este projeto de trilhas interpretativas na descida ecológica do Rio Uru, que contempla foi à descrição da paisagem e na conscientização dos cursistas que fizeram parte da trilha ecológica. Que versou sobre água do Cerrado como eixo central. E o objetivo central da estação Rio Uru é apresentar os conceitos importantes dentro da analise ambiental e física do Rio que são importantes para a compreensão do mesmo.

As trilhas interpretativas como um método de envolvência ambiental é um sucesso, principalmente com a interação que envolve as estações com os alunos e

ISSN: 1519-7816 vol. 15 nº 2 jul/dez. 2013 páginas: 28 - 45

a comunidade que participa da atividade que busca conscientizar os cursistas quanto a importância da interação do homem com o meio ambiente que ele vive.

As trilhas como um ministrante envolve o planejamento com a parte de descrição e identificação da área para os alunos, com isso, o próprio palestrante se envolve na defesa de um meio que está um pouco distante do mesmo. O objetivo era trilhar o mundo do Uru para desenvolver uma envolvência ambiental entre os partilhantes de maneira que, por meio das estações definidas, estabeleça uma correlação entre água e gente.

A trilha foi dividida em 6 partes, sendo que a estação de saída foi feito uma descrição do "que é trilhar". Foi proposto aos cursistas pensar de uma forma com o corpo leve e solto, sentindo a brisa do vento, percebendo o calor da iluminação radiante do sol, e a brilhante forma dos Ipês, poderia influenciar o nosso olhar para o rio Uru, no Cerrado.

A estação de número um, "Uru um rio do Cerrado", descrevemos a dinâmica física do rio com suas formas, relevo, nascentes, vertentes, meandros e demais aspectos físicos. A estação também, se propôs em pontuar e trabalhar com um mapa mental para que os cursistas projetassem o local específico das nascentes do rio e sua "foz". Como atividade da estação um, foi proposto aos alunos conversar, com os seus pares para falarmos sobre o processo de ocupação as margens do rio uru, os conflitos áreas mais degradas e outros.

A estação dois, "a dimensão territorial do Uru", foi discutido o conceito territorial para problematizar a forma de uso e ocupação do Rio, a partir das individualidades de cada território. Como, os territórios de conflitos entre irrigação e pequenos produtores, lazer e rio, e diversos outros agentes que interferem no território desde o alto da nascente do rio Uru. A atividade após a estação dois foi pensar em como que os componentes hídricos, hidrológicos e hidrográficos influenciam na vida do rio, da população.

A estação três, "os componentes hídricos, hidrológicos e hidrográficos" fez com que os alunos aplicassem esses conceitos as próprias analises, e conhecimentos deles quanto que seria, por exemplo, pensar em recursos hídricos? Hidrológicos? Hidrográficos? A partir então das problematizações, rodas de

ISSN: 1519-7816 vol. 15 nº 2 jul/dez. 2013 páginas: 28 - 45

conversas que tínhamos nas estações. A atividade após a estação três foi pensar nas histórias que o rio Uru poderia fornecer a nós, os tipos de memórias que poderíamos extrair de experiências que teríamos a partir das pessoas que estavam nas trilhas.

A estação quatro, “Rio é memória”, conseguimos histórias dos alunos e comunidade que favam sobre as suas relações estreitas com o rio, de alegrias, pescadas, festas, namoros, e também de acidentes e tragédias que a memória junto ao rio trouxe ao presente como apresenta a foto 2.

Quanto à avaliação final foi positiva, pela própria forma dos alunos se comportarem, alguns tímidos e atentos, outros ativos e questionadores, com os seus olhares focados na paisagem, das águas, pelas vertentes e meandros do rio da gente, Uru. Estação final, Rio é memória como representa a foto abaixo.

Foto 2 - Estação Rio é memória



Fonte: DIAS, 2013.

ISSN: 1519-7816 vol. 15 nº 2 jul/dez. 2013 páginas: 28 - 45

4 Estação Rio e Memória

Memória é feita de lembrança vivida e, também, não acontecida.
Memória faz a gente rever o passado e pensar no futuro, enquanto estamos no hoje, no sendo...
Diante destas águas vamos exercitar nossa memória.
Memória de um e de todos. Memória individual e coletiva.
Memória rima com história.
Quanta história carrega o rio Uru?
Ave Uru!
Histórias de enchentes e de seca.
Histórias de amor, de gente, de bicho e de planta.
História de fome, de prazer, de trabalho, de medo e de coragem.
História de beleza e de lixo. A morada dos peixes e as histórias de pescadores!
O leito desse rio abriga tantas histórias quanto o tempo vivido em suas margens.
Vivido e lembrado:
O tempo da infância e da velhice
O tempo do trabalho e do descanso
Suas margens já foram abrigo das Lavadeiras, das Parteiras,
Dos Boiadeiros, tropeiros. Os lavradores ainda buscam em seu leito o mistério da força para continuar seguindo, sempre.
Seu leito seduz barqueiros, canoeiros, banhistas, namorados.
Até as grandes lavouras que sugam suas águas, são abrigadas pela sua generosidade e abundância. O rio não discrimina. Mas o rio chora e clama por sua memória.

Então, quem conta a história desse rio?

(Angelita Pereira de LIMA, 2013)

ISSN: 1519-7816 vol. 15 nº 2 jul/dez. 2013 páginas: 28 - 45

5 O remo coletivo e a envolvência ambiental

...a batida invisível...

Antecede o momento difícil e definidor do evento – a Descida ecológica – o turno preparatório enfeixado por ações objetivas: confeccionar os cartazes, contactar os parceiros, fazer convites, mobilizar as lideranças educativas, políticas e culturais; arrumar as canoas; definir a rota, estabelecer a segurança; organizar a infraestrutura preparar a logística. Mas o mais importante é, entre os membros, produzir um consenso consoante aos objetivos do evento. E também envolver a todos os públicos, até as crianças como representa a foto 3.

A diferenciação entre atores e sujeitos, os vários sentidos que cada grupo, segmento ou organizador estabelece para o evento, o plano da intencionalidade, dinamiza a discursividade e a atenção de todos antes mesmo de o evento acontecer definitivamente. Ou seja, antes de as canoas tomarem conta do canal no rito da Descida.

Esse campo – diz um organizador

"é o mais importante porque podemos estar esforçando, nos sacrificando apenas para fazer uma festa, nós não queremos só festa, tudo bem, festa é bom. Mas o nosso objetivo é outro: é criar uma consciência ambiental, é mostrar para as pessoas que devemos preservar o rio, devemos cuidar dele como parte de nossa vida, de nosso lugar, de nosso território".

Ao conversar com um sujeito fora da organização, a sua avaliação é diferenciada:

"Eu nunca desci, não, por conta da idade. Mas acho importante dimais, ocê viu tanta gente, a cidade fica toda atiçada, é bunito demais, é criança, jovem, adulto, moças, todo mundo, e vem gente de outro lugar também, até de Goiânia. Eu acho que é a nossa maior festa".

ISSN: 1519-7816 vol. 15 nº 2 jul/dez. 2013 páginas: 28 - 45

O olhar crítico de um dos criadores do evento patenteia a importância de se avaliar todo o processo:

"Eu penso o seguinte, eu sempre pensei que a Descida teria que ser harmoniosa, limitada apenas para 30 barcos, a gente ia olhando o rio, conversando, trocando ideias, sem afobação, sem foguetes, sem bebida, sem apavoramento. Se fosse assim nós íamos conscientizar mais, tenho certeza disso. Eu fico um pouco preocupado porque podemos fazer uma coisa que o objetivo vira coisa política, você entende? O rio Uru é um patrimônio nosso, é muito bonito e tem acontecido coisas não tão boas com Ele. A Descida é ecológica, não é, então deve envolver as pessoas para ver o rio, não para outras coisas que estão acontecendo".

Com entusiasmo outro sujeito que participou das atividades relata:

"O rio estava em festa, era gente pobre, crianças, idosos, não há como não se emocionar. Tem as coisas que as pessoas falam, mas não há como ter um único sentido, talvez pudesse fazer estações de paradas dentro do próprio rio, diminuir o percurso e criar momentos pedagógicos bem delineados. Mas isso depende de um acerto com diferentes visões, o que não é fácil. Mas vale, tenho certeza que uma criança que desceu o rio vai guardar o rio na memória a vida toda". Como o exemplo a seguir.

ISSN: 1519-7816 vol. 15 nº 2 jul/dez. 2013 páginas: 28 - 45

Foto 3 – Criança na descida ecológica do rio uru, representando a envolvência ambiental da comunidade local.



Fonte: DIAS, 2013.

As apreciações mostram que o plano invisível da batida do remo é fundamental. Mostram, também, que mesmo um evento sem muita pretensão política recai no que Goss & Prudêncio (2010) mencionam ao analisar a vivência simbólica dos pleitos políticos da atualidade:

> De acordo com Melucci (1999, p. 74-5), as redes são formadas por pequenos grupos imersos na vida cotidiana com fins específicos e caracterizam-se pela associação múltipla, pela militância parcial e efêmera, e pelo desenvolvimento pessoal e solidariedade afetiva como condições para participação. As redes apresentam dois aspectos importantes: a latência, que permite experiências com novos modelos culturais, criando novos códigos; e a visibilidade, estratégia de enfrentamento de uma autoridade específica contra uma lógica de tomada de decisão. A latência alimenta a visibilidade e esta reforça as redes submersas, fornecendo lhes energia para renovar a solidariedade e atrair novos militantes .(GOSS & PRUDÊNCIO, 2010, p. 81).

ISSN: 1519-7816 vol. 15 nº 2 jul/dez. 2013 páginas: 28 - 45

...a segunda batida...

Postados no ponto de partida, dessa vez sem nenhum discurso ou aviso dos organizadores, um ônibus chega cheio de pessoas que vão, com as canoas, encenar a Descida; chegam carros particulares, ajudantes, colaboradores e caminhões com as canoas de diversas qualidades. Cada grupo de sujeito se reúne, a TV começa a fazer as tomadas, a desenvolver as entrevistas, o clima alegre e solidário se monta com rapidez. Como se fosse o último fio para colocar os pés na água e as mãos no remo, todos uniformizados geram cenas motivadores com os avisos; “é agora!”; “vamos lá, preparem os músculos”; “bota protetor solar”, “cuidado com os poços fundos”, “vamos com paz, sem pressa” como representa as diversas canoas na descida, foto 4 a envolvência dos timoneiros.

Foto 4 – A envolvência ambiental da comunidade na descida ecológica do rio Uru.



Fonte: DIAS, 2013.

ISSN: 1519-7816 vol. 15 nº 2 jul/dez. 2013 páginas: 28 - 45

O esforço golpeado pelos músculos no longo trajeto da Descida, cerca de 13 Km, o olhar coletivo às margens do rio, os registros fotográficos da rota de Ipê floridos que acompanham o canal, as trocas de comidas, bebidas, as pequenas gozações feitas de um canoeiro ao outro, montam o cenário do evento. Mais importante, aos poucos, no compasso da batida dos remos, vão sendo destacados o ato da envolvência ambiental.

Os pontos do rio sugestionam análises livres feitas entre os Caminhantes postados nas canoas:

- como a beleza do rio e a sua importância mostram como é prejudicial fazer usinas hidrelétricas;

- a apropriação das margens por chácaras de lazer permite aos pobres poderem fazer uso do rio;

- há os perigos de as chácaras, caso não cuidem, gerar problemas como o desmatamento das matas ciliares;

- os poços que são piscosos;

- o problema da irrigação;

- a perda da vazão e a mudança do canal com ilhas de areias;

- a observação que não há tanto lixo no assoalho do rio como no passado;

Outras observações rodeiam o processo:

- quero casar dentro do rio;

- deveríamos fazer um campo de formação de professores nas margens do rio;

- há que se juntarem os trabalhos acadêmicos feitos sobre o rio e sobre a Descida;

- é necessário patentear o evento pelos seus criadores;

- é preciso buscar recursos para transformar o evento em algo com mais solidez formativa.

Junto a isso, percebem-se alusões mais significativas e existenciais como:

- Esse rio agora mora em mim, está dentro de mim;

ISSN: 1519-7816 vol. 15 nº 2 jul/dez. 2013 páginas: 28 - 45

- eu nasci aqui, minha pátria é esse rio;
- é aqui que venho buscar descanso, refrescar a cabeça;
- essa Descida cura tudo

Todas as menções são salpicadas de outros temas. Durante o longo percurso, o tempo é dissolvido em assuntos sobre a economia do país, sobre o sentido político da própria descida e também sobre futebol, cinema, cotidiano e trabalho. O fato é que na batida coletiva não há como deixar de destacar a centralidade do rio como uma espécie de personagem central do enredo. O suor, a festividade, a dimensão política – e a trajetividade simbólica – compõem as cenas, irrigam o entusiasmo dos partilhantes: “eu desci pela primeira vez, quero ajudar e descer todas às vezes”. Ou: “eu vim em todas, a gente sofre um pouco, mas vale a pena”. E: “eu vim fotografar, ajudar o pessoal da Universidade e sinto bem, é um descanso para mim”.

O processo de envolvência ambiental da Descida ecológica cumpre o que Oliveira (2010) denomina “mobilização comunitária”, especialmente gerando pequenos fios de sentido que atuam na consciência coletiva. Todavia, a ação do sujeito fragmentado, a dispersão de sentido próprio das configurações da subjetividade contemporânea, não deixa de criar zonas de escapes, de fugas e de transgressão e transbordamento ao evento.

Vale registrar que disposto na cena prática, quando ocorre a última batida no rema no posto de chegada, começa outras tarefas: avaliar o processo, escrever sobre a experiência e encenar o projeto para a próxima. De maneira que Descer o Rio é construir o senso de participação, é incluir-se como um sujeito numa arena coletiva aberta, cheia de fendas, contudo significativa em si e no aro resplandente fora de si, ou seja, na construção de outras maneiras de gerar as mobilizações coletivas em torno da envolvência ambiental.

Desdobram também lições de timbres teóricas: viver é participar; é entrelaçar-se nas relações humanas mediadas por poderes. O afeto depende de ligação direta e íntima com o móvel afetado. Não basta apenas escutar, falar é

ISSN: 1519-7816 vol. 15 nº 2 jul/dez. 2013 páginas: 28 - 45

preciso envolver. Na envolvência a percepção age na conduta cognitiva e trama a relação com o Outro. E daí pode gerar as redes de significações.

6 Considerações finais

A trama organizativa dos eventos de mobilização comunitária para os fins de envolvência ambiental coloca em conflito, parceria e intersecção diferentes ordens de sujeitos, instituições e segmentos sociais. O plano diverso – e conflituoso - estampa-se desde a pergunta inicial: para que e para quem deve servir a Descida Ecológica? Ao ajudar a fundar o evento inclusive no pleito de sentido e das intencionalidades por meio das apropriações, a diversidade pode traduzir-se em riqueza simbólica e enfeixar deslizamentos de sentido. Na sutileza de sua efetividade torna-se uma pequena arena simbólica que ultrapassa o seu mero acontecimento efetivo, vai para a memória, para as significações mais consistentes, por exemplo, na formação de crianças que experienciam o evento.

Em decorrência disso, poder-se-ia sintetizar que a Descida Ecológica do rio Uru e as Trilhas Interpretativas abrem-se para diferentes negócios simbólicos. Todavia, preservam e acentuam uma raia unitária: a capacidade de mobilizar as pessoas, inseri-los para se envolver de alguma maneira com o ambiente, gerando, quase sempre, pertencimento.

O processo formativo realizado nas Trilhas interpretativas, ao sair da asfixia das salas de aula e gerar círculos andantes com estações previamente organizadas pelos trilheiros, aproxima a formação da política, esta da criatividade. Andar junto no compasso na busca do conhecimento junta corpo, percepção, reflexão e afeto.

O tônus motivador, inclusive porque permite aos trilheiros e caminhantes serem sujeitos ativos do processo, ecoa para além da própria metodologia: muitos alunos, segundo relatos de professoras presentes, sentem mais animados com as aulas que envolvem os temas ambientais; passam a se interessar mais pelo rio; desenvolvem uma sensibilidade para perceber o mundo de seu entorno; procuram ler textos que lhes subsidiem uma compreensão maior dos temas em questão.

ISSN: 1519-7816 vol. 15 nº 2 jul/dez. 2013 páginas: 28 - 45

Ao compreender que um rio é mais que um rio, pois envolve outros componentes físico-territoriais, como a sua apropriação, as histórias, as lendas, os mitos, a memória, descobre-se que, de fato, pode-se nomeá-lo de patrimônio. A envolvência ambiental não se faz sem a mobilidade que, por sua vez, exige a perícia formativa. As ideias precedem os remos e os alavancam como sentido.

Como integrantes das Trilhas Interpretativas, a nossa experiência – como quase todas as experiências – nos legou como parte do próprio rio. Além de conhecê-lo mais pela voz dos trilheiros, tivemos a oportunidade de alçá-lo na consciência. Carregamos esse rio como propósito e sentido de nosso labor educativo e como meta política de nosso esforço humano.

REFERÊNCIAS

BOTELHO, R. G. M. Planejamento ambiental em microbacia hidrográfica. In: GUERRA, A. J. T; SILVA, A. S. da S; BOTELHO, R.G.M. **Erosão e conservação dos solos: conceitos, temas e aplicações**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1999, p. 269-293.

CHAVEIRO, E. F; CASTILHO, D. Águas da palavra, Rio da Gente: a Descida Ecológica no rio Uru como prática de envolvência ambiental. In: CORCÍNIO JUNIOR, G.G; SILVA, V.C. da; **Natureza e representações imaginárias**. – 1. Ed. – Curitiba: Appris, 2013, p. 53-71.

GOSS, K. P; PRUDENCIO, K. / **EmTese, Revista Eletrônica dos Pós-graduando em Sociologia Política** – UFSC. Disponível: www.emtese.ufsc.br – acessado em 01/10/2013. Vol. 2, n 1 (2), janeiro/julho de 2004, p. 75-91.

MELUCCI, Alberto. **Acción colectiva, vida cotidiana y democracia.** El Colégio de México, 1999.